

O TEXTO LITERÁRIO E A PRODUÇÃO DE SENTIDO: O ASPECTO METALINGUÍSTICO DA PONTUAÇÃO

Tania Maria Nunes de Lima Camara (UERJ / UNISUAM)
taniamlc@gmail.com

A experiência de sala de aula, como professora de língua portuguesa no ensino médio, tem mostrado frequentemente o quanto é necessário rever alguns procedimentos docentes, bem como estabelecer novas metodologias no ensino da língua materna, no sentido de fazer dessa língua um objeto não só prazeroso no estudo mas também eficiente na comunicação.

Observa-se, no entanto, que, apesar de todos os estudos que vêm se desenvolvendo ao longo do tempo e suas respectivas divulgações em eventos específicos, a mudança no dia a dia da sala de aula ainda não se mostra significativa.

Mesmo no curso de Letras, durante o qual o graduando entra em contato com recentes pesquisas linguísticas, o que se vê com muita frequência é esse aluno, especialmente nas atividades de prática de ensino, por exemplo, comportar-se de acordo com um modelo bastante diferente daquele que lhe é apresentado no correr das aulas das disciplinas que compõem o currículo de seu curso. O futuro/novo professor de língua portuguesa acaba por repetir a maneira como ele próprio aprendeu, no ensino fundamental ou médio, provavelmente por sentir-se mais seguro reproduzindo algo já conhecido, o que acaba por determinar o quadro negativo em relação à aprendizagem nos diferentes níveis.

Assim sendo, a educação brasileira, em especial o ensino da língua portuguesa, carece de disposição mental dos professores em geral, de modo que efetivas mudanças verdadeiramente ocorram e garantam aquilo que normalmente se ouve referir por educação cidadã. De nada adiantam leis, decretos, parâmetros curriculares bem feitos, se o cotidiano da sala de aula permanece o mesmo de há vinte ou trinta anos.

A busca de um novo procedimento de ensino é o objetivo da presente comunicação, tomando como foco o emprego da pontuação

nos textos. Já há algum tempo, aspectos ligados a esse assunto vêm despertando o nosso interesse e a nossa curiosidade. Vários têm sido os momentos em que, seja como docente, seja como leitora, vimos percebendo a necessidade de se estabelecer um olhar mais cuidadoso para essa questão.

No trabalho da sala de aula, a preocupação do professor consciente da premência da adoção de uma nova metodologia na abordagem dos fatos gramaticais leva-o a trabalhar com a preocupação maior de fazer desses conteúdos um meio do qual o aluno faz uso para desenvolver sua capacidade de expressão, na medida em que passa a ser capaz de perceber a língua como um instrumento vivo e rico que ele pode administrar de maneira funcional e criativa.

Esse mesmo cuidado não tem sido observado, porém, no tratamento dado ao estudo dos sinais de pontuação. A dificuldade que os alunos demonstram em destacar aspectos relativos ao emprego dos sinais gráficos como fator responsável pela produção de sentido e de expressividade nos textos trabalhados nas aulas; a baixa frequência de questões sobre o assunto em atividades de fixação e de avaliação, assim como o tratamento dispensado a ele nos livros didáticos de diferentes autores mostram, de maneira bem evidente, a pouca atenção que o assunto tem despertado.

Acreditamos que tal procedimento ocorre basicamente em função da maneira como o tema vem sendo apresentado. Na maioria das vezes, trabalhar com pontuação resume-se a fazer com que o aluno memorize regras que dão conta do emprego aconselhável ou desaconselhável dos diferentes sinais, a partir de um padrão sintático estabelecido. Nos livros didáticos, os exercícios apresentados normalmente conduzem o aluno a "pontuar convenientemente" frases soltas, obedecendo a obrigatoriedades e proibições expostas.

Embora costumem iniciar o estudo do referido assunto, estabelecendo a relação deste com a oralidade, fica evidente, na explicitação das regras apresentadas, que a ligação entre o oral e o escrito acaba por perder-se, uma vez que o critério sintático é apresentado como o único cabível. A entoação, o ritmo da fala e outros usos criativos são desconsiderados, o que acaba por dificultar a visão mais ampla que o aluno deveria apresentar no contato com o texto escrito, tanto na condição de leitor quanto na de autor/produtor.

Tem-se, pois, que aspectos ligados à marcação rítmica, ao valor afetivo, aos efeitos estilísticos, à finalidade estética, inerentes ao uso da pontuação, não chegam sequer a ser abordados, tornando o trabalho pouco abrangente e inconsistente.

Levando-se em conta o público-alvo desta pesquisa – alunos e professores do ensino médio –, entendemos ser bem maior o prejuízo. O fato de haver, nesse nível, um trabalho sistemático com o texto literário, quase sempre apresentado relacionado a um estilo de época, já deveria por si mesmo fazer com que o estudo da pontuação fosse realizado segundo outra ótica, mais ampla, visando relacioná-la à produção de sentido do texto, não deixando de considerar as peculiaridades dos diferentes autores, alguns mais pródigos, outros mais econômicos; alguns mais, outros menos criativos com relação ao uso dos sinais.

Tal cuidado efetivamente não ocorre e, mesmo se ocorresse, soaria estranho ao aluno verificar a existência de empregos tão distanciados daquelas regras que ele sempre foi obrigado a memorizar e a obedecer. Portanto, um trabalho com pontuação que se limite a apresentar uma base sintática como determinante do emprego dos diferentes sinais não possibilita ao aluno perceber finalidades expressivas na maneira de usar os sinais gráficos, numa determinada situação estética.

Do exposto, concluímos que, ao estudar o emprego dos sinais gráficos, é necessário estar o professor atento a determinados aspectos que, muito frequentemente, podem passar despercebidos.

O primeiro deles remete ao fato de que a pontuação é um instrumento valioso, no texto escrito, na produção de sentido, qualquer que seja o gênero textual.

O segundo diz respeito ao fato de, ao lado de um padrão sintático-semântico, ser possível ocorrer um modelo rítmico-semântico, um emprego de base estilística, que devem ser igualmente considerados.

O terceiro alude à possibilidade de, considerado o padrão sintático-semântico, verificar a manutenção ou a subversão das normas vigentes, dadas as intenções daquele que produz o enunciado.

Por fim, a possível relação existente entre a maneira de usar a pontuação e os diferentes gêneros textuais, considerados os papéis sociais distintos dos textos com os quais tomamos contato.

A todos esses aspectos, deve estar atento tanto o leitor/autor quanto o professor, no sentido de ver e de fazer outros verem os sinais gráficos com o grau de importância que a eles é devido.

Para que tais mudanças possam vir a ocorrer, mostra-se extremamente necessário reformular a prática pedagógica no que concerne ao ensino da pontuação, o que envolve basicamente dois aspectos: a maior valorização, por parte do professor, do papel que os sinais gráficos desempenham na produção escrita, considerados os diversos gêneros textuais que integram, de maneira menos ou mais distante, o nosso cotidiano, e a orientação presente nos livros didáticos.

O contato direto com professores do ensino médio deixa-nos claro que a maneira como estes conduzem suas aulas, buscando fazer com que seus alunos percebam a real importância do ensino da língua portuguesa, tanto na perceptiva gramatical quanto na estilística, interfere substancialmente no modo como se dá o aprendizado. O aluno que vivencia, na medida do possível, situações várias de uso do material linguístico e percebe, no texto alheio, a ligação entre os recursos empregados e a produção do sentido, está mais apto a produzir textos de qualidade do que outro que não tenha tido contato com esse tipo de trabalho. É importante esclarecer que entendemos não ser a leitura a única condição necessária à prática proficiente da escrita, dado que esta envolve aspectos cognitivos específicos. Não podemos desconsiderar, no entanto, o grande auxílio que o ler presta ao escrever, razão pela qual acreditamos na transferência de procedimentos como caminho possível. Afinal, se tantos poetas, escritores, compositores muitas vezes se apoiavam em outros autores ao produzirem suas obras, por que não poderia nosso aluno agir da mesma forma, até alçar seu próprio voo?

Quanto ao material didático, consideramos essencial ampliar a abordagem feita quanto ao assunto em questão. Propósitos abrangentes, normalmente expostos na abertura das obras, devem levar também a considerações específicas de uso, especialmente no tocante ao texto literário.

A dificuldade para ler, que decorre essencialmente da falta de intimidade com o texto escrito, especialmente com o texto literário, bem como o desinteresse pelo livro constituem alguns dos problemas que o professor enfrenta no cotidiano da sala de aula. O professor, consciente de importância de colocar o aluno em contato com textos de excelência, apresenta ao aluno autores e momentos literários diversos. Mais do que conteúdo de uma disciplina, o contato com esses textos revela-se fundamental no desenvolvimento da percepção do mundo, em termos físicos, psíquicos, sociais. No entanto, em muitos casos, o resultado das experiências realizadas mostra-se um trabalho de Sísifo. Entendemos haver fatores diversos capazes de gerar resultados tão frustrantes. Um deles, sem dúvida, liga-se a questões de ordem metodológica. Nesse aspecto, vale refletir sobre os seguintes pontos: que texto está sendo indicado? ; como esse texto está sendo trabalhado?

Envolver o aluno com o texto literário constitui um grande desafio para o professor. Cabe, então, a este buscar estratégias que propiciem esse grande encontro. E é justamente nesse ponto que a metodologia ganha força: em relação à literatura, sair da “mesmice” do trabalho frequentemente realizado mostra-se, condição básica, essencial.

O texto literário busca, pela sua própria natureza, capturar positivamente o leitor por meio de diversos fatores, entre eles as escolhas linguísticas realizadas. Portanto, ao trabalhar com esse domínio discursivo na sala de aula, o professor deve sempre lembrar que língua e literatura não constituem áreas estanques; ao contrário, formam um elo indissociável no qual aquela (a língua) é instrumento da materialização estética, e esta (a literatura), a manifestação plena das potencialidades da língua.

Segundo Coseriu (2002),

O emprego da linguagem na vida prática é, efetivamente, um uso. Também podemos dizer que o emprego da linguagem na ciência é um uso. Porém não o emprego da linguagem na literatura, que não é um uso particular, mas, sim, representa a plena funcionalidade da linguagem ou a realização de suas possibilidades, de suas virtualidades. (p. 39)

Assim, é o fator estético que distingue, de acordo com a passagem acima, a língua em uso da língua literária. Não podemos, no

entanto, nos esquecer de que a estética tem, na forma criativa de uso dos recursos linguísticos uma fonte de sua construção.

Quando nos referimos a recursos linguísticos, incluímos nessas possibilidades o emprego da pontuação, que, a despeito de sua imensa importância na produção de sentido, como anteriormente afirmado, pouca atenção normalmente desperta tanto no professor quanto no aluno. A impressão que se tem é que empregar ou não empregar os sinais gráficos não traz nenhuma consequência.

Ao contrário, a pontuação, com sua variada possibilidade de emprego, reafirmando ou desconstruindo modelos estabelecidos, revela-se essencial, e, segundo Cagliari (2000),

Nos tempos atuais, tem-se constatado um uso muito comum dos sinais de pontuação que não acontecia antes. Trata-se da colocação de mais de um sinal de pontuação em sequência. É uma forma de dizer sem palavras e, por isso mesmo, constitui um recurso de amplo uso (...) Além dos tradicionais grupos de sinais, (...) encontra-se, às vezes, combinações à primeira vista estranhas (...) Curiosamente, as gramáticas e até os estudos de um modo geral, não se referem a esse tipo de uso combinado de sinais de pontuação.(p. 71)

Por isso, nesta comunicação, focamos nosso olhar no emprego da pontuação como sistema de signos, dotados de significante e significado. Mais especificamente, no emprego literário dos diferentes sinais gráficos, por entendermos que, do mesmo modo que se fala em linguagem literária, é possível falar-se também em pontuação literária, aquela que desafia o leitor; aquela que, como “pedra” (e aqui recorro a João Cabral de Melo Neto), “açula a atenção do leitor / isca-o com o risco”.

Entre as possibilidades expressivas do emprego dos diferentes sinais gráficos, nosso olhar aqui recai, especificamente, sobre o uso da pontuação como recurso metalinguístico. Segundo Jakobson, a função metalinguística ocorre sempre que a linguagem fala da linguagem, voltando-se para si mesma e reenviando o código utilizado à língua e a seus elementos constitutivos.

No que diz respeito ao emprego dos sinais gráficos, a volta da linguagem sobre si própria acontece na medida em que, na sua condição de signos linguísticos, os sinais aparecem nos textos como significantes que remetem a um significado, produzindo um sentido, à

semelhança do que se dá, por exemplo, em relação à escolha de itens lexicais no jogo textual. Portanto, uma realidade que precisa ser considerada, trazendo a pontuação ao lugar de importância que ela efetivamente possui.

Selecionamos alguns exemplos que confirmam aquilo que vimos afirmando. Se estamos preocupados com questões de ordem metodológica, a surpresa da abordagem pode ser uma das vias que capazes de promover a aproximação do aluno, ao despertar sua curiosidade. Entendemos que, levados à sala de aula, despertarão interesse, principalmente pelo aspecto lúdico, que, quando possível, deve também ser considerado nas atividades escolares, inclusive no Ensino Médio.

Abaixo, apresentamos o poema *Questão de pontuação*, de João Cabral de Melo Neto:

Todo mundo aceita que ao homem
cabe pontuar a própria vida;
que viva em ponto de exclamação
(dizem: tem alma dionisíaca);

viva em ponto de interrogação
(foi filosofia, ora é poesia);

viva equilibrando-se entre vírgulas
e sem pontuação (na política);

o homem só não aceita do homem
que use a só pontuação fatal:
que use, na frase que ele vive,
o inevitável ponto final.

O título do texto acima indicia algo sobre a temática. O eu lírico emprega o verbo “pontuar” e demais formam palavras que integram o campo semântico referido como metalinguagem, ao mesmo tempo em que os sinais citados metaforizam as ideias que as gramáticas tradicionais normalmente registram:

- a) “ponto de exclamação”: “alma dionisíaca”, remetendo à exteriorização psíquica, envolvendo sentimentos associados à vibração, ao entusiasmo, ao arrebatamento;

- b) “ponto de interrogação”: questionamentos de várias ordens e daí a referência à filosofia e à poesia, exemplos que são da inquietação humana;
- c) “vírgulas”: pausas que, no poema, correspondem aos delimitadores do “fio” no qual o homem se equilibra, conotando instabilidade;
- d) ausência de pontuação: sugere descompromisso, comportamento desregrado;
- e) “ponto final”: fim, conotando morte.

Empregados na condição de signos linguísticos, a cada significante corresponde, conotativamente, um significado, procedimento próprio da língua literária o uso da linguagem figurada.

Outro emprego que desperta o interesse do leitor está no fragmento abaixo, extraído da crônica *O povo quer saber*, de Joaquim Ferreira dos Santos, publicada no Segundo Caderno do jornal *O Globo*, em 8 de agosto de 2005, página 8. “... Cutuco o próximo com o telefone. Há quem tenha estudado mais e possua mais respostas. Não foi o meu caso. Como de pouco sei, o resto pergunto. Caço afirmações. Atiro ?????, tento recolher !!!! (...).”

O cronista faz uso de um recurso comumente encontrado nas histórias em quadrinhos, os sinais reiterados empregados no texto correspondem a itens lexicais carregados de emotividade. Assim, “?????” remete ao substantivo “perguntas” e seus sinônimos, enquanto “!!!!!” sugere admiração, espanto, surpresa, dependendo do contexto em que surgem as respostas. A forma criativa de representar tais ideias mostra-se, pelo estranhamento, com maior possibilidade de provocar o leitor, dada a sua condição de “pedra”, que “dá à frase seu grão mais vivo”, no dizer de João Cabral de Melo Neto, no poema *Catar feijão*.

O terceiro exemplo escolhido, buscamos em Millôr Fernandes. O texto *De ora em ora Deus melhora sem agá*, publicado no Caderno B do *Jornal do Brasil*, em 7 de abril de 2002, traz como subtítulo “A semana, rapidamente, sem ponto nem parágrafo”, informação que orienta o olhar do leitor em relação ao que vai e como deve ser lido.

Considere-se o seguinte fragmento:

Pressionado pelos leitores que, aos domingos, me procuravam aqui e não me encontravam, não sabiam que eu estava colorido no Caderno B, pensavam que eu já tinha sido demitido por causa da crise no Oriente Médio, resolvi continuar a trabalhar, se é que isso é trabalho, todos os dias no mesmo lugar, inclusive domingos e segundas-feiras, ninguém vai se ver livre de mim tão facilmente, e, porque é domingo (*sunday*), segundo o *merchandising*, “*dia perfeito para tomar um sundae*”, domingo glorioso de outono, nossa verdadeira primavera, embora eu escreva na sexta, e pode até ter chovido no entrementes, essa chuva terá sido gloriosa chuva de ouro pois jamais esqueço que vivo em Ipanema, sobretudo não vivo em Israel, Kosovo, Cabul, não sou o Maluf, de quem a Justiça acaba de sequestrar os bens na Suíça...

A passagem acima destacada ilustra a construção de toda a crônica. O leitor verifica que somente são utilizadas vírgulas, parênteses e alguns travessões, no intuito de, com as duas primeiras notas, separar ideias e, com as últimas, fornecer explicações. Segundo a gramática tradicional, a vírgula indica uma pausa breve; o ponto, uma pausa longa e o parágrafo, o início de um novo tópico; os parênteses, informações adicionais, os travessões, comentários ou explicações. Desse modo, utilizar predominantemente vírgulas imprime um ritmo acelerado à leitura dos fatos mais significativos da semana, acompanhados de algumas avaliações do autor, que justificam os demais sinais empregados.

A velocidade imprimida ao texto sugere a angústia do cronista em passar ao leitor a certeza de que está efetivamente ocupando aquele espaço do jornal e que continua desempenhando seu papel de escritor daquele espaço da página, apresentando e avaliando fatos. Esse estado de espírito é explicitado já no subtítulo, quando, metalinguisticamente, o autor prepara o leitor para a (des)organização do texto produzido.

Como estratégia de composição, Millôr, no presente texto, aproxima-se, em parte, de Clarice Lispector, já que ambos, de maneira aparentemente caótica, materializam linguisticamente suas intenções.

O último exemplo selecionado conduz a Machado de Assis, em “O velho diálogo de Adão e Eva”, que constitui o capítulo LV do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

Brás Cubas?
Virgília

Brás Cubas

 Virgília !
 Brás Cubas
 Virgília
 ?

 Brás Cubas
 Virgília
 Brás Cubas
 !
 !
 Virgília ?
 Brás Cubas !
 Virgília !

No texto acima, a pontuação é o texto, substituta plena da palavra. O sentido constrói-se a partir da distribuição dos sinais e da relação que estabelecem entre si, a partir dos personagens envolvidos. Segundo Fiorin, “... suspende-se o enunciado e é a enunciação enunciada que nos indica o que seria dito se o enunciado fosse construído”. Machado, portanto, diz sem dizer, criando uma forte sugestão de erotismo. O leitor recupera, pois, o conteúdo sugerido com base, entre outras fontes, no conhecimento compartilhado de mundo.

Os exemplos apresentados demonstram um emprego particular dos sinais de pontuação, uma vez que se voltam para si mesmos, relacionando significantes a significados. A criatividade do emprego metalinguístico do recurso em questão fica, pois, evidenciada.

Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, entre as competências e habilidades a serem desenvolvidas na disciplina língua portuguesa, no ensino médio, está “Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção/recepção...”. Desse modo, um professor que veja o emprego da pontuação somente se orientando por aquilo que a maioria dos livros didáticos traz – o uso de sinais gráficos atendendo ao padrão gramatical, com seus respectivos empregos permitido, proibido e facultativo – impede que seu aluno perceba a riqueza que tal recurso traz em si, do mesmo modo que não dá a ele a oportunidade de apreciar, de surpreender-se positivamente com o valor expressivo

que o uso metalinguístico empresta aos textos em que é empregado, cerceando a amplitude da leitura do texto literário.

Novas abordagens e suas respectivas metodologias mostram-se, portanto, imperiosas, no intuito de dar ao aluno condições plenas de pensar a língua com a qual interage socialmente. É, pois o momento de, no dizer do professor Evanildo Bechara (2005), "... preservar o que a tradição oferece de bom e de substituir práticas improdutivas e retrógradas por orientação pautada em ideias modernas...". Rever, reformular; do contrário, alimentar o quadro educacional ruim que temos frente a nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: COUTINHO. Afrânio (Org.). *Machado de Assis: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

BECHARA, Evanildo. Novas reflexões sobre o ensino. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida e GAVAZZI, Sigrid (Orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 8.

BRASIL.MEC/SEMTEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/Secretaria e Educação Média e Tecnologia, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf>

CAGLIARI, Luiz Carlos. Os sinais de pontuação. In: ABRALIN: *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, nº 14. São Paulo, ago. 1993, p. 87-95.

CAMARA, Tania Maria Nunes de Lima. *Pontuação: perspectivas e ensino*. Tese de doutorado em língua portuguesa (UERJ), 2006.

COSERIU, Eugenio. Do sentido do ensino da língua literária. In: *Confluência*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, nº 23, 1º sem. 2002, p. 29-47.

MELO Neto, João Cabral de. Questão de pontuação. In: OLIVEIRA, Marly de. *João Cabral de Melo Neto: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.